

3

História do Projeto Pátio da Fantasia

O Projeto Pátio da Fantasia nasceu em 1998 dentro do Núcleo de Pesquisa em Artes Cênicas (NUPAC) do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Seu idealizador foi o Prof. Dr. Marco Antonio Camarotti Rosa (1947 – 2004), que em seu percurso de vida, sempre lutou pelas causas relativas à arte e à educação.

Desde 1997 o NUPAC desenvolvia um trabalho de resgate e registro de dramas circenses. Posteriormente, a esse trabalho foram somadas pesquisas relacionadas ao universo do teatro infantil. As duas vertentes de estudos permaneceram como objetos de pesquisa do núcleo até meados de 1998, quando o interesse pela segunda linha ganhou maior força. Nesse período, a intenção era trabalhar com o teatro infantil discutindo as idéias de *teatro para criança* e *teatro com crianças*. O NUPAC defendia a necessidade de um novo olhar para a produção teatral voltada para um público composto por crianças. Acreditava que os espetáculos deveriam ser *para* e *com* crianças, e que estas deveriam intervir no mesmo, deveriam apreciar criando. Essa crença estava respaldada nos pressupostos de que as crianças fruem as artes pautadas mais pelo fazer que pelo simples apreciar.

A pesquisa sobre teatro infantil almejava desenvolver atividades teatrais *para* e *com* crianças de diversas faixas etárias, tendo como elemento prioritário a participação das crianças não apenas como espectadoras, mas especialmente como co-autoras. Ou seja, nessas atividades teatrais, as crianças poderiam ter responsabilidade autoral, sua relação com a peça poderia se dar através do exercício de sua imaginação criadora.

Até o final do ano de 1997, a equipe que formava o NUPAC ainda não tinha a intenção de trabalhar com crianças com deficiência. Intencionava apenas desenvolver um trabalho voltado para crianças de um modo geral, entendendo-as como criadoras e possíveis co-autoras das atividades teatrais. No entanto, no início do ano de 1998, um contato foi estabelecido com a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Esse contato se deu através do comparecimento do Profº. Camarotti a uma reunião do colegiado da Diretoria de Educação Especial desta mesma Secretaria. A relação estabelecida com a Diretoria Executiva de

Educação Especial impulsionou a pesquisa do grupo no sentido de encaminhar suas ações para um trabalho que, também, considerasse crianças e adolescentes com deficiências ou que se encontrasse em situação de hospitalização.

Os vínculos estabelecidos com a Diretoria de Educação Especial da Secretaria de Educação de Pernambuco direcionaram o público alvo do Projeto do Pátio e, também, os lugares onde realizar as apresentações: as escolas da Rede Estadual da Região Metropolitana da cidade do Recife. Para contemplar as crianças hospitalizadas, o NUPAC propôs à Pró-Reitoria de Extensão da UFPE a extensão universitária de suas pesquisas atuando no Hospital das Clínicas (Hospital Universitário). Assim, mais um vínculo institucional foi conquistado, além da concessão de três bolsas de extensão para alguns alunos/participantes da pesquisa.

Acredito que o estabelecimento das relações institucionais, acima sinalizadas, acolheu as inquietudes do grupo em relação à exclusão das crianças com deficiência (sensoriais, físicas e mentais) e das crianças hospitalizadas, no que diz respeito à oportunidade de expressar-se através da arte.

Essas complementações de interesses trouxeram duas modificações importantes: uma pequena mudança no nome do núcleo de pesquisa e o batismo do Projeto que, até então, não tinha denominação. De NUPAC, como já foi referido acima, para NEPAC – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Artes Cênicas, que era ligado ao LAC – Laboratório de Artes Cênicas da UFPE. E a criação de um nome para o Projeto: “Pátio da Fantasia”. Segundo a documentação verificada e os depoimentos de alguns dos ex-integrantes desse Projeto, os motivos para tal nome relacionam-se com o fato da idéia trazida pela palavra Pátio indicar um lugar de acesso comum e indiscriminado, e a palavra Fantasia, além de simbolicamente também ser um espaço de acesso comum e indiscriminado, é o espaço do sonho, da imaginação e da brincadeira.

Diante dos significativos ajustes de interesses, o objetivo geral⁴⁵ do Projeto Pátio da Fantasia passou a ser: *desenvolver atividades teatrais com crianças de diversas faixas etárias, priorizando aquelas que apresentam necessidades especiais (como as que se encontram em situação de hospitalização ou que têm alguma deficiência física, sensorial e/ou mental), tendo como elemento prioritário*

⁴⁵ O objetivo geral foi retirado dos documentos do Pátio da Fantasia, acessados durante a realização dessa pesquisa.

a participação das crianças não apenas como espectadoras, mas principalmente como autoras.

Para realizar esta empreitada o Projeto⁴⁶ teve que, primeiramente, aumentar seu número de integrantes. Neste período havia cerca de 5 ou 6 componentes, todos alunos do Curso de Educação Artística / Habilitação em Artes Cênicas da UFPE. A solução para o dilema foi continuar angariando integrantes no curso acima referido. Para tanto, foram feitas divulgações nas aulas do próprio coordenador do Projeto e também nas aulas de outros professores do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística. É nesse período que uma professora deste Departamento se une ao Prof. Marco Camarotti para com ele dividir a coordenação do Pátio da Fantasia. Além dessa estratégia, os antigos componentes do grupo convidaram amigos que pudessem se interessar pelo tema a ser trabalhado.

A “campanha” empreendida para conquistar novos participantes foi um sucesso, despertando o interesse de mais ou menos 30 pessoas, presentes na primeira grande reunião do Projeto. Em minhas investigações, confirmadas pelas entrevistas de alguns ex-integrantes, cheguei à conclusão de que essa primeira grande reunião deve ter acontecido em meados do segundo semestre de 1998. Foi um encontro onde teve atividades práticas de sensibilização para a temática a ser estudada. Os informantes desta pesquisa e também alguns documentos acessados relatam essa grande reunião como: a primeira oficina realizada pelo Projeto, cujo objetivo era o regate da criança interior. As lembranças compartilhadas nas entrevistas trazem relatos que apontam grandes significados para esta primeira experiência vivida.

Depois dessa conquista veio a necessidade de planejamento e estruturação das ações a serem realizadas. O esquema proposto foi que, inicialmente, toda a equipe passaria por um processo de preparação composto por estudos teóricos (leituras, seminários e pequenos cursos) e práticos (oficinas, experimentações, e visitas/intervenções nas instituições); num segundo momento ficaria o trabalho de criação das atividades cênicas a serem desenvolvidas para e com as crianças; por fim, o terceiro momento correspondia às apresentações propriamente ditas nas instituições.

⁴⁶ Toda vez que aparecer Projeto; Pátio da Fantasia; Pátio; e Projeto do Pátio estarei me referindo ao Projeto Pátio da Fantasia.

O Pátio da Fantasia acreditava que qualquer poética teatral voltada para crianças requer encenadores e elencos devidamente preparados, detentores de conhecimentos gerais e específicos sobre o mundo infantil, suas características, necessidades e interesses. Por tais questões as preparações de ordem teórica fortaleciam, encaminhavam e justificavam as ações do Projeto.

Uma característica que não pode deixar de ser sinalizada neste trabalho é o espírito de descoberta, pesquisa e experimento que circundava todas as suas ações. Todos os sujeitos diretamente envolvidos no Projeto lidavam com situações de experimentação. E estavam todos, alunos e coordenadores, aprendendo com tais experimentos através de um processo de criação e de construção coletivas.

Pois bem, tendo os rumos bem definidos, a segunda metade de 1998, todo o ano de 1999 e a primeira metade do ano de 2000 foram destinados à elaboração das idéias e das práticas do Pátio da Fantasia. Apesar do processo de preparação teórica e prática ter acontecido concomitantemente, vou falar de cada um deles separadamente. Primeiro cuidarei de trazer as informações relativas à preparação de ordem teórica e depois as de ordem prática.

Vários estudos teóricos foram feitos em cima dos seguintes campos do conhecimento: educação; teatro; arte-educação; teatro-educação; psicologia do desenvolvimento; educação especial; características de algumas deficiências sensoriais, físicas e mentais; infância; teatro infantil; etc. Esses estudos aconteceram através de seminários, palestras e pequenos cursos, realizados durante as reuniões semanais da equipe.

A cada semana uma pessoa ficava responsável pela leitura de um livro sobre uma das temáticas acima citadas e pela apresentação deste livro em forma de seminário. Em relação às palestras foram realizadas no Hospital das Clínicas com o objetivo de repassar alguns conhecimentos sobre o cotidiano hospitalar, as rotinas de atendimento na pediatria e as condições de saúde de algumas crianças. Já os pequenos cursos teóricos foram: Libras (Língua Brasileira de Sinais), Braille e um curso de maior duração chamado: “Como trabalhar com crianças especiais”. No curso de Libras foram dadas noções da Língua de Sinais para que o grupo pudesse, posteriormente, criar um quadro teatral que se desenvolvesse em duas línguas, Libras e Português. Já o de Braille veio para que os integrantes do Projeto conhecessem um pouco mais sobre o mundo dos cegos sem ter que necessariamente utilizar o Braille no quadro específico. Estes cursos foram

ministrados, respectivamente, por uma professora cega e por uma professora surda. As duas professoras, além dos aspectos formais da escrita e leitura em Braille e das peculiaridades da LIBRAS, também ajudaram a equipe do Pátio a se apropriar um pouco das formas de ser e de estar no mundo das pessoas que são cegas e surdas.

Por fim, um dos integrantes da equipe do Pátio fez um curso chamado: “Como trabalhar com crianças especiais”. A idéia era que uma pessoa fizesse esse curso, que era extra-universitário, e depois repassasse para toda equipe os conhecimentos adquiridos. Nele, foram compartilhados conhecimentos relacionados às patologias das deficiências e também uma abordagem educativa a ser direcionada às crianças com deficiência com cunho fortemente ligado aos saberes clínicos e terapêuticos. O objetivo do curso foi compartilhar conhecimentos sobre os modos de desenvolver processos educativos para essas crianças, sobre o desenvolvimento psicológico e cognitivo delas, e sobre a história social desses indivíduos. Esse curso aconteceu durante o 2º semestre do ano de 2000 e o 1º de 2001, na Fundação Joaquim Nabuco, sob a orientação da psicóloga Luzinete Beltrão. Teve a duração de oito meses, mas as contribuições trazidas para o Projeto foram pequenas já que a abordagem defendida pelo Pátio da Fantasia não focava tanto os conhecimentos patológicos sobre as deficiências.

Além das pesquisas teóricas, pesquisas práticas começaram a ser desenvolvidas. Várias oficinas foram direcionadas para a formação dos integrantes do Projeto. Tais oficinas tinham intenções bem diversificadas, mas sempre relativas ao trabalho que o Pátio se propunha. Algumas delas foram dirigidas ao grupo todo, outras apenas a um pequeno subgrupo que iria se dedicar a um tipo de deficiência, por exemplo, oficina de mímica para o grupo que iria trabalhar com crianças surdas.

Antes de entrarmos nos detalhes das oficinas quero esclarecer sobre a questão da divisão da equipe do Pátio em subgrupos. No segundo semestre de 1999 esta equipe começou a se subdividir em quatro subgrupos que criariam quadros teatrais voltados para algumas especificidades das crianças com deficiência. Eram considerados quatro grupos de especificidades: a surdez, a cegueira, a deficiência mental e situação de hospitalização. O Projeto entendia por

crianças com deficiência⁴⁷ aquelas que têm comprometimentos físicos, sensoriais e/ou mentais. Além disso, também considerava aquelas que se encontram em situação especial, como é o caso das crianças hospitalizadas.

Bom, tendo explicado sobre a divisão interna que ocorreu no Projeto do Pátio podemos seguir retomando a linha de raciocínio anterior. A primeira grande oficina realizada foi uma cujo objetivo, segundo depoimentos do ex-integrantes e documentos do Pátio, era “resgatar a criança interior” que vive adormecida dentro de cada um de nós. Essa oficina contemplava toda a equipe, já que todos deveriam se apropriar do “universo da criança”. Ela foi especialmente valorosa porque correspondia a uma característica estética do Projeto, que era criar espetáculos onde as crianças pudessem intervir ativamente nos quadros teatrais. Acreditava-se então que para que ocorresse essa intervenção a equipe precisaria de uma preparação que a ajudasse a entender e a lidar com o mundo infantil.

Outras oficinas que aconteceram com toda a equipe foram as de: Musicalização, Percussão, Rítmica, Expressão Corporal, Alongamento, Manipulação de Bonecos, Mímica, Palhaço, Técnicas Circenses, Improvisação, Interpretação e Dramaturgia. As oficinas de Musicalização, Percussão, Rítmica, Técnicas Circenses, Mímica, Manipulação de Bonecos, Expressão Corporal e Alongamento serviram para que a equipe pudesse dispor de um aparato de possibilidades técnicas a serem utilizadas nos quadros, atendendo, desta forma, alguns requisitos básicos dos espetáculos destinados a crianças. As de Musicalização, Percussão e Rítmica, por exemplo, eram fundamentais porque a música é considerada um elemento imprescindível para o teatro infantil por ser capaz de gerar o interesse e a criatividade da criança. As de Técnicas Circenses, Mímica e Manipulação de Bonecos exercitavam habilidades diversas que interessam e encantam as crianças como a mágica, o malabarismo, a acrobacia, os jogos de cenas de palhaços, a comunicação através do corpo e de bonecos. Estes últimos, em muitos momentos, atuavam como objetos facilitadores da

⁴⁷ Na época do Pátio da Fantasia o termo que se usava para denominar as pessoas que têm alguma deficiência era: “portadores de necessidades especiais”. Todos os documentos do Projeto utilizam este termo e os entrevistados, na maioria das vezes, também o utilizam. No entanto, eu considerarei o termo hoje aceito que é: “pessoas com deficiência”. No caso específico do Pátio da Fantasia utilizarei, em muitas ocasiões, “crianças com deficiências”. Noutros momentos me referirei às crianças cegas, ou crianças surdas, pois é assim que, hoje, esses grupos querem ser chamados por entenderem que a cegueira e a surdez não é uma deficiência, mas um modo de ser e de existir no mundo e isso define suas diferenças em termos culturais também. Para maiores explicações sobre essa questão da nomenclatura ver o capítulo de fundamentação.

comunicação com as crianças. Essas habilidades contribuíam para o enriquecimento dos quadros porque aumentavam as possibilidades criadoras da equipe do Pátio. As de Expressão Corporal e de Alongamento auxiliaram na preparação física dos integrantes do Projeto.

O objetivo principal das oficinas foi o favorecimento de algumas técnicas (corporais, teatrais, musicais, circenses, etc.) aos integrantes do Projeto, para que eles pudessem criar quadros teatrais que seriam apresentados em instituições voltadas para as crianças com algum tipo de deficiência.

Paralelamente às oficinas e às pesquisas teóricas, realizavam-se também visitas a instituições escolares (inclusivas e especiais), a associações e a hospitais. Dentre estas, cinco foram mais freqüentemente visitadas: a Escola Especial Ulisses Pernambucano⁴⁸, a Escola Especial Instituto de Cegos de Pernambuco⁴⁹, o Hospital das Clínicas de Pernambuco (Hospital Universitário), a Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE)⁵⁰ e o Centro Suvag de Pernambuco⁵¹.

O objetivo dessas visitas foi o estreitamento dos conhecimentos sobre as realidades com a quais o Pátio iria trabalhar. Havia um interesse em perceber, através do convívio, como as pessoas com deficiência vivem e interagem com o mundo. Havia também um interesse pela troca de conhecimentos e experiências que pudessem contribuir para o trabalho a ser realizado.

A busca pelos conhecimentos teóricos, práticos e pelas experiências nas instituições aconteceram simultaneamente. Houve um período em que as reuniões da equipe aconteciam duas e até três vezes por semana, se alternando entre encontros para realização de seminários, oficinas e visitas. No período de dois anos, entre meados de 1998 e meados de 2000, o Pátio da Fantasia se dedicou à formação de seus integrantes, buscando suprir as possíveis necessidades que estes encontrariam quando iniciassem as intervenções nas instituições a que o Projeto iria se vincular.

⁴⁸ Escola Especial voltada para crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência mental. É mantida pelo Governo do Estado e existe há 60 anos. Atualmente atende a 280 alunos nos três turnos e é referência no Estado de PE no que tange ao atendimento de pessoas com deficiência mental.

⁴⁹ Fundada em 1909, a escola recebe crianças, adolescentes, jovens e adultos cegos.

⁵⁰ Esta associação foi fundada em 1985.

⁵¹ O Centro SUVAG de Pernambuco é uma instituição privada sem fins lucrativos, de utilidade pública federal, fundada em 1976 por um grupo de pais de surdos. Atualmente tem como filosofia de trabalho o bilingüismo.

Esclarecidos os processos de preparação, entrarei nos aspectos que definiram o segundo passo dado pelo Projeto Pátio da Fantasia: o trabalho de criação das atividades cênicas a serem desenvolvidas para e com as crianças. Por fim, falarei um pouco das apresentações propriamente ditas nas instituições.

Para cada uma das especificidades das crianças com deficiência (consideradas no Projeto), foi criado um quadro teatral que buscava corresponder às respectivas diferenças dessas crianças, mas não apenas a elas, os quadros teatrais eram para crianças de um modo geral, dando maior relevância às necessidades específicas das crianças com deficiência. Os nomes dos subgrupos que passaram a compor o Pátio da Fantasia foram os nomes dados aos quadros teatrais. Foram eles: **“A História do Arco-Íris”** (que trabalhava com crianças surdas); **“O Retorno dos Piratas”** (para crianças hospitalizadas); **“O Carro Aloprado”** (crianças com deficiência mental) e **“A Fazenda Encantada”** (destinado às crianças cegas).

Para melhor entender como passou a ser a nova estrutura do Projeto Pátio da Fantasia, ver figura abaixo:

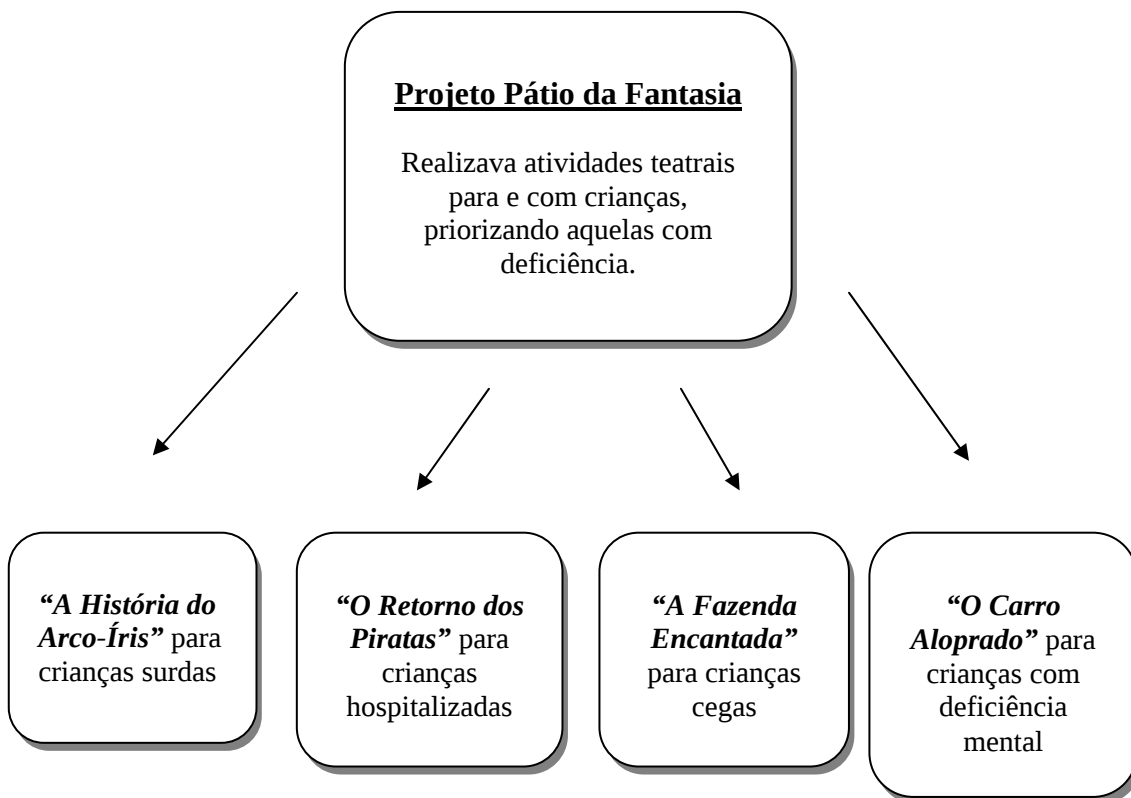


Figura 1- O esquema mostra a estrutura organizacional do Projeto Pátio da Fantasia.

O processo de criação e construção dos quadros teatrais iniciou dentro do processo vivido nas oficinas. Depois de sensibilizado e estimulado por uma série de preparações técnicas e de estudos sobre os temas relacionados ao Projeto, o grupo começou a desenvolver oficinas de dramaturgia, improvisação e de interpretação. Foi na experimentação dessas oficinas, em especial na de dramaturgia, que brotaram as sementes dos quadros. As oficinas de improvisação e de interpretação foram desenvolvidas através de diversos jogos dramáticos e teatrais realizados com a intenção de proporcionar a criação coletiva das estruturas cênicas dos quatro quadros teatrais.

Cabe aqui, antes de continuarmos, esclarecer a concepção de espetáculo que o Pátio da Fantasia tinha. O Projeto não via seus quadros teatrais como espetáculos tradicionais, costumeiramente fechados e acabados no que diz respeito ao processo de criação. Ao contrário disso, os quadros teatrais do Projeto estudado se constituíam mais como atividades cênicas que como espetáculos, pois sua estrutura era flexível e aberta às intervenções das crianças. O texto dramático, a “escrita” cênica (encenação), a interpretação dos atores, enfim, eram totalmente flexíveis, permitindo a intervenção das crianças na história, possibilitando inclusive que elas conduzissem o desfecho da ação dramática.

Retomando a descrição do processo de criação e de construção dos quadros teatrais, na oficina de dramaturgia, após muitos jogos de imaginação, improvisação e criatividade, uma atividade diferente foi proposta aos alunos: a criação de pequenas histórias para crianças. Estas histórias surgiram de algumas perguntas provenientes dos clássicos questionamentos que passam pela cabeça de uma criança quando ela está se esforçando para entender o mundo e seus fenômenos. A equipe levantou algumas dessas perguntas e, dentre elas, escolheu quatro para serem respondidas através de justificativas lúdicas e fantasiosas. Algumas das perguntas propostas foram:

- 1) Por que o carro precisa de gasolina para andar?
- 2) Por que existe o arco-íris? Ou Porque ele aparece quando chove?
- 3) Por que a lua não cai?
- 4) Por que o burro relincha?
- 5) Por que o papagaio fala?
- 6) Por que o céu é azul?

- 7) Por que as flores são perfumadas?
- 8) Por que o elefante tem tromba?
- 9) Por que temos o dia e a noite?
- 10) Por que não existem mais piratas como antigamente?
- 11) Por que o medo faz empalidecer?
- 12) Por que uma coisa que não é verdadeira é chamada de mentira?
- 13) Por que damos risadas?
- 14) Por que os cabelos crescem?
- 15) Por que falamos?

Para cada subgrupo da equipe do Pátio escolheu uma pergunta para responder. As selecionadas foram:

- 1) Porque o carro precisa de gasolina pra andar?
- 2) Porque o arco-íris aparece quando chove?
- 3) Por que não existem mais piratas como antigamente?
- 4) Por que temos o dia e a noite?

Escolhidas as perguntas, os subgrupos as responderam escrevendo textos narrativos que contavam uma história. Depois o texto narrativo foi transformado em texto dramático e foi iniciado o processo de criação cênica.

A criação e a construção desses quadros ficaram sob a responsabilidade dos subgrupos. Estes, coletivamente, criaram e desenvolveram os personagens, as histórias e todas as movimentações cênicas. Os coordenadores do Projeto propiciavam as oficinas e, enquanto as situações e os personagens estavam sendo criados, sugeriam e discutiam mudanças junto aos integrantes dos trabalhos desenvolvidos.

A concepção dos elementos cênicos que compõe o todo da encenação (figurino, cenário, adereços, sonoplastia e iluminação⁵²) também ficava a cargo de cada subgrupo, já a execução desses elementos era de responsabilidade de uma cenotécnica⁵³. Os quadros deveriam ser bem enxutos em matéria de cenário, sendo este composto por elementos que davam a sugestão do ambiente ou situação

⁵² Não eram utilizados recursos para iluminação. Os espetáculos aconteciam à luz do dia.

⁵³ Esta pessoa era funcionária da UFPE, e atuava na função de cenotécnica no Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística.

dramática. A sonoplastia era concebida pelo grupo e realizada ao vivo pelos atores⁵⁴, que cantavam e/ou tocavam instrumentos.

Em relação aos quadros teatrais desenvolvidos pelo Pátio da Fantasia interessa para esta pesquisa perceber como a concepção da encenação e da dramaturgia buscou atender as diferenças (físicas, sensoriais e/ou mentais) das crianças com deficiência. Por isso, vou tentar trazer à tona quais foram as concepções dessas duas instâncias que compõe a cena. Segue a descrição dos quadros criados:

3.1

“A História do Arco-Íris”

Este quadro conta a história de uma lagartinha chamada Íris que é muito curiosa e sonhadora. Íris vive fazendo perguntas sobre tudo e dizendo que acredita em fadas. Para Íris, as fadas moram depois das nuvens num reino chamado: fantasia. Certo dia, depois de transformada em borboleta, Íris decide ir atrás do reino da fantasia e voa em direção ao céu, voa tão alto que acaba sentindo muito frio e morre congelada em cima de uma nuvem que ficava perto do tão procurado reino. Uma das fadas desse reino, a Fada Chorona, chorava porque tinha perdido seus amigos raios, e seu choro molhava todas as coisas inclusive a nuvem onde Íris estava. A nuvem ficou cheia de lágrimas e, por isso, a borboletinha começou a derreter. As cores das asas dela começaram a se espalhar pelo céu formando um grande e colorido arco, o arco de Íris. A Fada Chorona achou o arco tão bonito que decidiu que a partir daquele dia, toda vez que chovesse, ela iria fazer aparecer um arco bonito e colorido como aquele, e em homenagem à borboletinha Íris ele iria ser chamado de Arco-Íris.

O quadro da História do Arco-Íris destinava-se às crianças surdas. Nele, não houve uma preocupação tão grande em relação à temática a ser abordada na história, isso porque a especificidade das crianças surdas exigia que a preocupação estivesse mais centrada na forma como apresentar essa história. Portanto, em relação ao desenvolvimento cênico, esta fábula era bilíngüe, com diálogos simultâneos em português e em Libras.

⁵⁴ Refiro-me aos integrantes da equipe do Pátio, em sua maioria alunos do curso Educação Artística /Arte Cênicas, dentre os quais muitos já atuavam como atores na cidade do Recife.

Havia uma grande preocupação com a construção imagética desse quadro teatral, o que buscava considerar a cultura visual dos surdos. Por isso, foi dada maior atenção ao trabalho corporal de seus integrantes. As técnicas da mímica também foram exploradas com a intenção de ajudar e enriquecer a comunicação entre surdos e ouvintes. O figurino e os materiais cênicos eram sugestivos, ou seja, em relação ao figurino, os atores tinham uma roupa básica sobre a qual vestiam adereços⁵⁵ chave que identificavam seus personagens, como, por exemplo, o casulo para a lagarta e asas para a borboleta. Respaldados pelos conhecimentos adquiridos no período de estudos teóricos, a equipe do Pátio acreditava que as crianças, principalmente as menores, precisavam de elementos concretos que as ajudassem a subjetivar os personagens e as situações apresentadas. Portanto, era importante que sempre houvesse elementos concretos que pudessem ser vistos pelas crianças, sendo tais elementos, na maioria das vezes, sugestivos.

Neste quadro não havia cenário, a ambientação dos espaços vividos na história era criada com a ajuda de materiais cênicos e da representação dos atores. Por exemplo, o céu foi caracterizado por uma nuvem, feita por um ator que, sentado no chão, tinha sobre seu colo um pano branco com textura parecida à de algodão. Além disso, outro ator representava o vento vestindo um manto largo e transparente. Ver fotos 1 e 2.

⁵⁵ Havia réplicas desses adereços para as crianças.



Foto 1: Apresentação da “História do Arco-Íris” durante um seminário de apresentação dos projetos de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco.

Outro aspecto a ser levantado e que aparece na foto acima é o da busca pela participação da criança. Como já falamos anteriormente, todos os textos dramáticos criados possuíam a característica de ser abertos às possíveis intervenções das crianças. Além do texto, havia um cuidado na encenação tanto no que diz respeito aos elementos formais da cena, quanto à interpretação dos atores que se prepararam⁵⁶ para saber dialogar com a imaginação criativa das crianças. Na foto 1, no canto esquerdo, podemos ver que uma criança vestiu o manto branco para representar o vento. Podemos ver ainda que ela recebe instruções, em Libras, de como ela pode proceder em cena.

⁵⁶ Através das oficinas realizadas no período de estudos e de preparação. Um dos exemplos dessas oficinas é a de “resgate da criança interior”.



Foto 2: Cena em que a Fada chora em cima da nuvem onde a borboleta Íris morreu congelada. Foto tirada durante apresentação realizada na Escola Marcelino Champagnat, localizada no subúrbio de Recife.

3.2 “O Retorno dos Piratas”

Este quadro era voltado para as crianças hospitalizadas. As temáticas da morte, do perigo e da susceptibilidade diante da vida entram na pauta da história justamente para trazer à tona e trabalhar, de forma lúdica, os medos, as dúvidas e as incertezas das crianças que se encontram em situação de hospitalização.

“O Retorno dos Piratas” conta a história de três irmãos que, para resolver os conflitos pelos quais passam, precisam enfrentar um temido Jacaré. Pimpilena e Poncho são dois piratas aventureiros, mas medrosos, e Maria Dorminhoca é a pequena e sonolenta irmã dos piratas. O conflito gira em torno da busca por um tesouro. Os três irmãos têm um mapa que estrategicamente fica aos cuidados de Maria Dorminhoca, isso porque os piratas acreditam que ninguém que deseje roubar-lhes o mapa irá imaginar que ele estará sob os cuidados de uma criança tão pequena. Acontece então o inesperado, a menininha, confusa entre o sono e a vigília, entrega o mapa que os levaria até o tesouro para o Jacaré. O conflito se desenrola e resolve com a ajuda da pequena Maria que precisa enfrentar o Jacaré para reaver o mapa. Com a ajuda de seus irmãos piratas que despistam o vilão, ela consegue recuperar o mapa perdido.

Este quadro possuía características próprias para ser desmembrado, podendo ser desenvolvido em pediatrias, para grupos de crianças, ou para uma criança presa em seu leito. Na verdade, a história acima descrita servia mais como mote para o desenvolvimento de novas situações dramáticas, que como uma história fixa a ser dramatizada. Pelos relatos dos entrevistados, aconteceram vários encontros com as crianças no Hospital das Clínicas (H.C.) onde esse enredo propriamente dito não foi vivenciado. Ou seja, na primeira apresentação⁵⁷ realizada neste Hospital a história foi dramatizada na íntegra, isso com o intuito de apresentar a história de vida dos personagens dentro de um conflito inicial. Mas as apresentações seguintes tiveram a estrutura do enredo apenas como mote, durante o desenvolvimento da história as crianças iam acrescentando novas situações e acabavam transformando o enredo inicial. Como o subgrupo que desenvolvia esse quadro fazia as intervenções no H.C. duas vezes por semana, era bem comum encontrar o mesmo grupo de crianças várias vezes⁵⁸. Portanto esse quadro era composto por personagens fixos que tinham suas histórias de vida e que se encontravam com as crianças para criar, junto com elas, novas situações, desafios e conflitos a serem resolvidos.

Quanto aos aspectos cênicos, esse quadro tinha que levar em conta os cuidados da rotina hospitalar. Isso implicou na seleção apurada dos elementos que pudessem ser utilizados e com o figurino. Como não seria possível colocar materiais de cena e adereços em meio a uma enfermaria, a caracterização da história do quadro foi enfatizada nos personagens. O figurino precisou ser mais elaborado e menos sugestivo. Além disso, houve grande destaque para os jogos de cena entre atores e para a música cantada ou tocada com pequenos instrumentos (ex: pandeiro e ganzá).

A participação das crianças era total, transformando este quadro, literalmente, numa atividade teatral. Alguns entrevistados relataram que em muitas ocasiões, quando chegavam ao Hospital, se separavam e iam, individualmente ou em duplas, para um quarto de enfermaria. Neste quarto, desenvolviam pequenas situações dramáticas que se relacionavam tanto com os personagens em si, quanto

⁵⁷ Desenvolver uma apresentação dentro de uma enfermaria ou de um quarto de hospital não era viável. Fazer essa apresentação numa sala específica do setor de pediatria de um hospital também nem sempre era possível, além de não ser desejável porque exclui as crianças que não podem sair de seus leitos.

⁵⁸ Isso acontecia por uma característica deste hospital que buscava internar crianças com estados de saúde mais complicados do ponto de vista médico, exigindo um maior tempo de internação.

com as situações reais vividas pelas crianças no período de internamento. A sequência de fotos abaixo expressa o que agora foi citado.



Foto 3: Duas integrantes do quadro “O Retorno dos Piratas”, representando os personagens: Maria Dorminhoca e Pimpinela, desenvolvem atividades teatrais na Pediatria do Hospital das Clínicas de PE.



Foto 4: Dois integrantes do quadro no corredor da Pediatria do Hospital das Clínicas de Pernambuco.



Foto 5: Representação da personagem Maria Dorminhoca, desenhada por uma criança durante atividade recreativa do Hospital das Clínicas.

3.3 “A Fazenda Encantada”

Preparada para atender as necessidades de crianças cegas, essa experiência dramática era desenvolvida em cortejo, durante o qual as crianças eram colocadas em diferentes perspectivas e situações dramáticas, nas quais se priorizavam as sensações táteis, olfativas e sonoras.

Esse quadro conta a história de uma fazenda encantada onde os bichos falam e vivem como seres humanos. Esta fazenda é composta por uma comunidade de animais que é regida por um cachorro mandão e autoritário chamado Rex. Incomodado com o barulho de sua comunidade, Rex determina uma lei que obriga todos os moradores da fazenda a ficarem trancados em casa, sem fazer barulho, tudo para não atrapalhar o seu precioso sono. Acontece que o sol, descontente com a nova lei, ameaça nunca mais voltar a trazer luz para o lugar caso o cachorro não acabe com a estranha determinação. Sabendo disso, todos os bichos se unem e, sob protestos, vão à procura do cachorro Rex para pedir que retire a lei.

O tema trabalhado nessa história tem um aspecto interessante no sentido de mobilizar a reflexão para a coletividade, para a questão da união de forças

dentro de um grupo visando fortalecer a luta pelos direitos deste mesmo grupo. Essa mensagem é trazida pela dramaturgia sempre de forma lúdica.

Quanto à encenação, tudo foi criado pensando nas formas de percepção de mundo da pessoa cega. A convivência com tais indivíduos no Instituto dos Cegos, ou em eventos organizados pela comunidade de cegos como: festas, missas, palestras, seminários, etc., possibilitou o estreitamento com os modos de ser e de perceber o mundo da pessoa que não vê ou que tem subvisão. Dessa percepção resultou o quadro “A Fazenda Encantada” que, no que tange à encenação, era desenvolvido da seguinte maneira: num espaço amplo e vazio, como um galpão ou uma quadra, a equipe da “Fazenda” organizava as estruturas cênicas que auxiliavam a representação deste quadro. Essas estruturas tinham o objetivo de ambientar as situações dramáticas explorando os sentidos da audição, do tato (aqui se compreende não só a percepção pelas mãos, mas por todas as partes do corpo) e do olfato. Então, por exemplo, essa história se passava numa floresta e para dar a sensação na platéia de que se estava dentro de uma floresta, ela era conduzida para um corredor formado por galhos de árvores que eram manipulados pelos atores. Outro exemplo é a ambientação da casa do “Porco Tônico”, um dos personagens da trama. O ambiente da casa e o personagem são representados pela simulação de uma pocilga, criada através da mistura de argila com água revestida em um plástico e disposta em cima de uma grande lona. A platéia passava pela pocilga sem sujar os pés. Além disso, uma essência feita de fumo e ervas também foi usada para simular o cheiro de uma pocilga. Resultado: o Porco Tônico era mal cheiroso, tinha uma voz grave e encorpada, e ninguém queria chegar perto dele.

Assim como foi criado o ambiente onde vivia o Porco Tônico e as características que o definiam como porco, se criou o ambiente da casa da “Formiga Cinderela”, da “Galinha Anastácia”, o calor do Sol era sentido através de um refletor de 1000w colocado, à distância, acima da cabeça das pessoas, etc.. A platéia era guiada por monitores que indicavam onde aconteciam as ações. E como, desde o início da representação, as pessoas eram colocadas, diretamente, na cena, a participação/interação para resolução dos conflitos apresentados nesse quadro teatral, era bem intensa.

3.4

“O Carro Alopado”

Este foi o quadro preparado para as crianças com deficiência mental. Sua história era simples, com um enredo facilmente assimilável por quem apresenta comprometimentos mentais. A trama fala sobre um Bruxo chamado Piolhão que assola uma pequena cidade com suas travessuras. Sua principal vítima é o Carro Alopado, que tem um de seus parafusos roubado. A dona do Carro Alopado, a repórter Maria Bolinha, desesperada com o padecimento de seu automóvel, chama uma porção de médicos para examiná-lo, mas nenhum deles resolve o problema. Até que aparece uma fada que ajuda Maria Bolinha a, finalmente, chamar um mecânico, que descobre qual é o mal do carro. A fada desconfia que foi o Bruxo Piolhão quem roubou o parafuso e, junto com o mecânico, vai atrás do Piolhão para prendê-lo e assim recuperar o parafuso.

Segundo informações trazidas pelos entrevistados desta pesquisa, as características deste quadro foram: história simples, com apenas um conflito para ser resolvido; falas curtas e objetivas; todos os elementos, objetos e personagens a que se fazia referência na história apareciam concretamente em cena; tinha música; trabalhava-se o animismo; abusava-se das pantomimas⁵⁹, eram usados bonecos, marionetes, fantoches, ventríloquo para facilitar a relação com as crianças; havia cuidado no uso das cores, não utilizando as que são demasiado fortes; e adereços eram usados para compor os personagens médicos (ortopedista, dentista e oculista) e o mecânico. Estes personagens eram representados pelas crianças.

Esse foi o subgrupo que passou por maiores dificuldades durante o período de estudos (teóricos e práticos) e de criação/elaboração do quadro. Primeiro porque houve rejeição, por parte dos integrantes do Pátio, ao público para o qual este quadro se destinava, resultando na dificuldade de formação deste subgrupo. Isso implicou num atraso em relação aos outros quadros. Segundo, as diferenças dentro dessa diferença, a deficiência mental, eram muito grandes. Então, numa só platéia tinha crianças autistas, com síndrome de down, com paralisia cerebral,

⁵⁹ É um teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos. A arte de narrar com o corpo, uma modalidade cênica que se diferencia da expressão corporal e da dança. Basicamente é a arte objetiva da mímica, um excelente artifício para comediantes, comédicos, clowns, atores, bailarinos, enfim, os intérpretes. (Informação disponível em: <http://www.wikipedia.org/>)

com deficiência mental, com distúrbios mentais, etc., e, segundo as experiências vividas pelos participantes do Pátio, essas diferenças demandavam relações e atuações distintas.

As dificuldades de relação com o outro que tem deficiência mental, os medos, os receios e os preconceitos afloraram logo nos primeiros contatos com essas crianças. Dessas vivências foi criada a primeira versão do quadro, que quando foi apresentada mostrou clara necessidade de reformulação. Havia um exagero nas cores, na quantidade de objetos utilizados, na interpretação dos atores, na complexidade do enredo, enfim, tudo isso favorecia: a dispersão das crianças e uma grande ausência de comunicação. O primeiro grupo formado deixou de fazer apresentações com o intuito de refazer o quadro. Mas, as pessoas que compunham este subgrupo acabaram se dispersando e saindo do Projeto. Só em 2001, com a entrada de novos integrantes, “O Carro Aloprado”, que até esse período tinha feito apenas duas apresentações, foi refeito levando-se em consideração as características acima citadas. O quadro voltou a se apresentar em meados de 2001, quando a segunda versão estava pronta. O resumo da história acima referida é desta segunda versão do Carro Aloprado⁶⁰.



Foto 6: Foto da primeira apresentação do Carro Aloprado na Escola Especial Ulisses pernambucano. Foi a partir desta apresentação que a equipe deste quadro resolveu reformulá-lo.

⁶⁰ Não há registros fotográficos da segunda versão deste quadro, nem do próximo quadro a ser falado, o da “A Fazenda Encantada”.

Portanto, pensando nas principais características dos quadros teatrais elaborados pelo Pátio da Fantasia, esquematizamos a seguinte tabela:

Quadros Teatrais	Dramaturgia	Encenação
“O Retorno dos Piratas”	Temas: morte, perigo e medo	História e encenação desmembráveis amparadas nos personagens.
“A História do Arco-Íris”	Temas: sonho e encantamento	Bilíngüe (desenvolvia-se em Português e em Libras) além de explorar as imagens cênicas.
“A Fazenda Encantada”	Tema da coletividade	Criada para explorar os sentidos.
“O Carro Aloprado”	História simples com texto claro e objetivo	Utilizava recursos como: animismo, bonecos, pantomimas.

Pois bem, após os detalhamentos em relação aos quadros teatrais, retomo o percurso da história do Pátio da Fantasia. Este Projeto levou cerca de um ano e meio para criar e construir todos os seus quadros teatrais. Depois da fase de estudos, de pesquisas e de criações o grupo iniciou as intervenções nas instituições. Essas intervenções foram planejadas para acontecer em três momentos: 1) Preparação/sensibilização dos profissionais das instituições para a apresentação dos quadros teatrais; 2) Intervenções com os quadros teatrais; 3) Capacitação dos profissionais das instituições para que eles atuassem como multiplicadores das ações do Pátio da Fantasia.



Foto 7: Oficina realizada na Escola Ulisses Pernambucano com alguns profissionais da Educação Especial do Estado de PE e representantes de comunidades de surdos. Um ex-integrante do Pátio da Fantasia está no centro da roda desenvolvendo uma atividade.



Foto 8: Idem foto 7.

No período entre fins do ano de 1999 até meados de 2000, os integrantes do Pátio da Fantasia ministraram algumas oficinas em instituições da Rede Estadual de Ensino⁶¹ e no Hospital das Clínicas. Essas oficinas objetivavam sensibilizar os profissionais das instituições para as ações que o Pátio realizava com as crianças.

Quando os quadros teatrais começaram a entrar em campo com as apresentações propriamente ditas, alguns detalhes precisaram ser revistos e até reformulados - como aconteceu com a primeira versão de “O Carro Aloprado” - para melhor se adequarem às necessidades dos indivíduos com os quais o Projeto trabalhava.

Em relação às alterações realizadas, não houve necessidade de modificações no quadro que se desenvolvia no espaço hospitalar. Em matéria de criação e de construção cênicas, este quadro se desenvolveu com mais facilidade porque ele não exigia concepções cênicas tão complexas como as dos outros três, já que as diferenças das crianças em situação de hospitalização se aproximavam mais do que comumente é feito no teatro para crianças. Já nos quadros que se destinavam às crianças surdas e às crianças cegas, surgiram aspectos que precisaram ser melhorados. Tais aspectos foram, sutilmente, sinalizados pelas próprias crianças. Essa era mais uma característica do Projeto estudado: não considerar suas produções acabadas. A equipe do Pátio da Fantasia acreditava que

⁶¹ Alguns exemplos dessas instituições são: a Escola Especial Ulisses Pernambucano e o Jardim de Infância Ana Rosa (Centro de Educação Infantil situado no Bairro de Santo Amaro que fica no centro da cidade de Recife).

as crianças iriam indicar o que funcionava e o que não funcionava em suas criações. Para perceber essas indicações, em todas as apresentações um dos integrantes da equipe ficava como observador, com olhos e ouvidos atentos, para perceber a recepção desse público e colher informações como: dúvidas que com recorrência surgiam diante de determinada cena, ou o não entendimento das crianças diante de uma solução cênica apresentada, assim como também para confirmar o sucesso de outras soluções criadas.

No quadro da “História do Arco-Íris” houve a necessidade de enfatizar o trabalho corporal dos atores e de buscar um maior domínio da Língua de Sinais - LIBRAS. Em “A Fazenda Encantada” o desafio se mostrou através da necessidade de tornar as cenas, situações e personagens criadas mais perceptíveis pelos sentidos e em certos momentos até mais palpáveis, visto que muitas crianças demonstraram grande interesse e curiosidade em tocar, explorando literalmente, todos os personagens. Alguns entrevistados que trabalhavam neste quadro como atores ou guias contam que certos personagens eram caracterizados apenas com alguns elementos, por exemplo, o ator que fazia o cachorro se caracterizava com um par de orelhas, luvas e botas feitas de pelúcia, além do trabalho de interpretação. No entanto, as crianças⁶² queriam tocar no personagem por inteiro, explorando-o e percebendo-o por completo através de seu sentido tátil.

“A História do Arco-Íris” foi o primeiro quadro a ficar pronto e a se apresentar. Sua estréia ocorreu em novembro de 1999 numa escola da Rede Estadual de Educação do Estado de Pernambuco, tendo crianças surdas como público. O número de apresentações feitas por este subgrupo foi de 20 a 25.

“O Retorno dos Piratas” foi o segundo a estrear, em dezembro de 1999 num evento organizado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPE. Esta estréia, no entanto, não foi realizada com o seu público específico. Só em junho de 2000 esse quadro pôde vivenciar experiências teatrais com crianças hospitalizadas, realizando, no Hospital das Clínicas, dois encontros por semana até início de 2001.

A estréia de “O Carro Aloprado” ocorreu em maio de 2000 num pequeno Festival de Arte, organizado pela Escola Municipal João Pernambuco, chamado “Porta Aberta”. O público presente no Festival de Arte da Escola João Pernambuco não era, em sua maioria, de crianças com deficiência. Apenas em

⁶² Nesse quadro às crianças que não eram cegas, pedia-se que colocassem uma venda nos olhos para que elas pudessem se envolver e adentrar melhor na magia do espetáculo.

junho de 2000 este quadro se apresenta para as crianças da Escola Especial Ulisses Pernambucano. No entanto, nesta apresentação a equipe do Pátio percebeu que o espetáculo precisava ser reformulado. Foi preciso um período para refazê-lo e somente em meados de 2001 o quadro do “Carro Aloprado” foi re-estreado.

A primeira apresentação de “A Fazenda encantada” aconteceu em maio de 2001 num dos Colegiados de Educação Especial, da Diretoria Executiva de Educação Especial da Secretaria de Educação de Pernambuco, para pais e profissionais que lidam com a pessoa com deficiência. Posteriormente, ele fez mais duas apresentações no Instituto dos Cegos, primeiramente para pais e professores do Instituto e, só depois, para os alunos.

O total de apresentações de cada quadro foi bem reduzido, coincidindo o período de intervenções nas instituições com o fim do Projeto. Os grupos que mais fizeram apresentações foram, respectivamente, “O Retorno dos Piratas”, com cerca de 30 intervenções e “A História do Arco-Íris”, com aproximadamente 25 apresentações. “O Carro Aloprado” fez apenas duas intervenções na sua primeira versão e, depois de reformulado, fez mais três. Já “A Fazenda Encantada” fez apenas três apresentações.

Em meados de 2000 o Projeto Pátio da Fantasia já estava estabelecido, mas a falta de recursos para dar continuidade às atividades em campo dificultava cada vez mais a realização do trabalho. Mesmo com a ajuda de algumas instituições, como a Pró-Reitoria de Extensão da UFPE (PROEXT) que inseriu o Projeto Pátio da Fantasia em seu programa de extensão no ano de 1999⁶³, ainda havia a necessidade de mais investimentos. A falta de condições financeiras prejudicou a continuidade do Projeto, chegando a levá-lo ao fim de suas atividades. As visitas que, por exemplo, no Hospital das Clínicas aconteciam duas vezes por semana foram espaçadas para uma vez a cada 15 dias e depois uma vez no mês, até chegar o ponto de não haver mais encontros. Assim como aconteceu neste Hospital, as intervenções feitas em outras instituições também foram cessando. As reuniões internas do Projeto foram diminuindo e seus integrantes saindo.

No segundo semestre de 2001 o Pátio da Fantasia desvinculou-se da Universidade Federal de Pernambuco, numa tentativa de adquirir maior liberdade para angariar investimentos financeiros, e passou a constituir-se como uma

⁶³ Através deste programa, o Pátio da Fantasia socializava vivências teatrais com crianças no Hospital das Clínicas e também com crianças da comunidade do entorno da UFPE.

Organização não Governamental - ONG. Foi preciso cerca de um ano para organizar e para legalizar o Projeto enquanto ONG. Em 2003, foi fundado o “Pátio da Fantasia – Centro de Estudos, Pesquisas e Ações em Arte-Educação e Cultura – CEPAC”. As atividades foram ampliadas passando a atuar junto a alguns grupos marginalizados socialmente. Os grupos que passaram a compor a ONG foram: Grupo de Teatro do Oprimido “Pressão no Juízo” que utiliza a poética do Teatro do Oprimido; Conjunto Dramático Pátio da Fantasia, que utiliza a poética do Teatro Popular; Grupo de resgate, registro e encenação de dramas circenses; Programa de Capacitação de profissional em Arte-Educação; Projeto de contação de histórias chamado “Era uma vez”, com idosos para ser desenvolvido em escolas; e o Projeto “Roda-Pião” que trabalha com crianças com deficiência. No entanto, apesar da criação da ONG e da expansão das atividades (também na intenção de conseguir financiamento), o Pátio da Fantasia não conseguiu manter seu trabalho. Em outubro do ano de 2004, o idealizador, coordenador geral e principal proponente do Projeto Pátio da Fantasia, o Profº. Dr. Marco Antonio Camarotti Rosa, faleceu. Hoje, apenas o grupo “Pressão no Juízo”, também ligado ao Teatro do Oprimido⁶⁴ de Augusto Boal⁶⁵, mantém suas atividades.

⁶⁴ **Teatro do Oprimido (TO)** é um método teatral que reúne Exercícios, Jogos e Técnicas Teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatrais, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do *diálogo* (tal como Paulo Freire pensou a educação) e do teatro. Ao mesmo tempo, traz toda uma nova técnica para a preparação do ator que tem grande repercussão mundial. Disponível em: <http://www.wikipedia.org/>

⁶⁵ **Augusto Pinto Boal** (Rio de Janeiro, 16 de março de 1931) é diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional. Fundador do Teatro do Oprimido, suas técnicas e práticas difundiram-se pelo mundo, notadamente nas três últimas décadas do século XX, sendo largamente empregadas não só por aqueles que entendem o teatro como instrumento de emancipação política, mas também por profissionais da área social - educadores, psicoterapeutas, psiquiatras, entre outros. Disponível em: <http://www.wikipedia.org/>